

*

RESENHA

DA ANÁLISE DO DISCURSO NO BRASIL À ANÁLISE DO DISCURSO DO BRASIL: TRÊS ÉPOCAS HISTÓRICO-ANALÍTICAS

PAULA, Luciane de;
STAFUZZA, Grenissa (Orgs.)
Uberlândia, MG: EDUFU, 288p, 2010.

João Bôsko Cabral dos Santos¹

Esta obra surge com o intuito de pontuar uma necessidade de distinção entre o *modus operandi* das investigações no campo da Análise do Discurso no Brasil e seus deslocamentos do e no encaminhamento de pesquisas que se distinguem do *modus faciendi* francês. As autoras tentam visualizar uma trajetória que delineie uma historicidade acerca de percepções teóricas re-significadas e práticas metodológicas singulares em uma condição epistemológica semelhante. Trata-se, pois, de uma Análise do Discurso (AD) praticada no Brasil que se estabelece como efeito de continuidade da Análise do Discurso francesa, tomada como campo epistemológico fundador.

Assim, essa Análise do Discurso do Brasil instaura um processo idiossincrático em redimensionar aspectos teóricos e expandir práticas metodológicas, deixando de ser, portanto, uma aplicação de conceitos e métodos do referencial francês. Evidentemente que o legado teórico francês sempre estará presente como uma anterioridade epistemológica, haja vista que o escopo francês funda esse campo de conhecimento. Nessa perspectiva, uma Análise do Discurso Brasileira torna-se fruto de uma alteridade de referenciais teóricos que se crivam ao referencial francês, estabelecendo um devir teórico-metodológico distinto.

Com essa orientação, as autoras organizaram a obra enquanto uma trilogia crono-epistemológica, ou seja, resgatam influências teóricas de práticas acadêmicas no campo da AD em sua fundação (anos 60 e 70 do século passado), em seu advento no Brasil (anos 80 e 90) e na hodiernidade do século XXI (a partir dos anos 2000). Nesse

¹ Docente e pesquisador do ILEEL – UFU e líder do Laboratório de Estudos Polifônicos (UFU).

resgate ressalta-se o papel dos entremeios teóricos advindos do campo da Linguística, tais como o estruturalismo e a semiologia, ou ainda, de referenciais que se entrecruzam em sua episteme, a exemplo do que ocorre em relação ao marxismo e a psicanálise. É com essa configuração que o campo da Análise do Discurso vai emergindo nas pesquisas brasileiras, considerando uma diversidade de inter-relações epistemológicas que faz eclodir uma heurística própria em sua constituição enquanto campo de saber em diversas áreas de conhecimento no Brasil.

A reflexão de Emília Mendes, por exemplo, problematiza a influência do estruturalismo no desenvolvimento de uma Análise do Discurso no/do Brasil. A autora enfatiza o caráter operatório que esse movimento imprime e como isso se reflete nas práticas de pesquisa. Para Mendes, é o caráter interdisciplinar da AD que permite uma inserção estruturalista, seja em nível teórico por um viés que parte para uma identificação de unidades vinculadas à produção de um discurso, seja em nível metodológico, enquanto ferramenta de escansão de *corpora*. A pesquisadora enfatiza, também, os aspectos linguísticos de uma herança estruturalista, em um traspasar semiológico, que culminou no advento da Semiolinguística.

Marlene Teixeira e Valdir do Nascimento Flores abordam o diálogo entre o campo da Análise do Discurso e as teorias da enunciação, canalizadas por uma incursão que envolve os processos de subjetividade. Eles contrapõem regularidades de ordem epistemo-pragmática que perpassam a forma como alguns setores da AD evidenciam o tratamento enunciativo da linguagem. Com essa linha de raciocínio, constroem uma reflexão que pontua a enunciação no quadro epistemológico da AD, focalizando, principalmente, o escopo da noção de sujeito, de Benveniste a Pêcheux.

Na sequência, Sírio Possenti e Fernanda Mussalim apresentam as contribuições de Dominique Maingueneau à AD, abordando um quadro teórico-metodológico proposto na obra do autor intitulada *Gênese dos discursos*. Possenti e Mussalim enfatizam que na obra de Maingueneau a questão do funcionamento discursivo e sua inscrição histórica se articulam como condições para uma enunciabilidade. Eles pontuam as sete hipóteses de Maingueneau que detalham o quadro teórico da obra *Gênese dos discursos*: o primado do interdiscurso; o modo de interação semântica entre as formações discursivas; a existência de um sistema de restrições semânticas globais; o modelo de competência discursiva; a ideia de prática discursiva, a prática intersemiótica

e, por fim, o sistema de restrições globais. Ainda neste capítulo, Possenti e Mussalim descrevem uma rede conceitual derivada dessa reflexão epistemológica realizada por Maingueneau, tais sejam: ethos; cena da enunciação, discursos constituintes, autor, interlíngua, unidades de análise, destacabilidade e sobreasseveração.

Na reflexão de Gilberto de Castro, o autor focaliza a relação entre Bakhtin e a Análise do Discurso, registrando, assim, no contexto da Análise do Discurso no Brasil, “o encontro dessas duas vertentes de debate humanístico, francesa e russa ...” (CASTRO, 2010, p. 89). O autor destaca, principalmente, “que o encontro entre o pensamento francês e russo aconteceu em momentos histórico-conceituais diferentes” (*ibidem*, p. 89), evidenciando, dessa forma, “uma posição apenas *exotópica*” (*ibidem*, p. 91). Para Castro, o grande movimento empreendido tanto pelos autores franceses, quanto pelos russos foi o desejo de compreensão das singularidades que envolvem a produção e captação de sentidos. O autor faz uma compilação do legado bakhtiniano como referências de uma presença desse escopo teórico nos debates discursivos, evidenciando, aquilo que denomina de translinguística. Ele finaliza seu texto, pontuando algumas evidências que demarcam esse encontro entre a AD e o pensamento bakhtiniano como um traço de independência e autonomia no quadro dos debates sobre a relação entre a linguagem e a sociedade.

João Bôsko Cabral dos Santos propõe uma reflexão sobre o alcance epistemológico da Análise do Discurso do Brasil (ADB), enquanto fronteiras teóricas demarcadas pelo pensamento de Michel Pêcheux, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin. Primeiramente, ele aborda a relação entre Pêcheux e o Marxismo, numa trajetória teórica que contempla questões políticas, envolvendo o processo de constituição do sujeito na e pela linguagem e a formação dos discursos. Na sequência, enfoca questões que situam Foucault numa dialogia epistemológica, a qual denomina de saberes e poderes no crivo da História. Por fim, aborda questões fundadoras em torno das noções de dialogismo e polifonia como aspectos agregados aos estudos discursivos no Brasil. O enfoque principal de Santos foi pontuar como a ADB representa uma teoria que incide sobre o universo das humanidades, enfatizando a discrepância existente entre um conhecimento teórico positivo e as manifestações fenomenológicas dos processos de vivências humanas como forma de resistência.

As contribuições de Patrick Charaudeau para o desenvolvimento da AD no Brasil é o foco do capítulo construído por Dylia Lysardo-Dias. A autora discute o papel da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau como um viés teórico que põe em cena uma articulação interlocutiva e relacional, à medida que estabelece vínculos, práticas, saberes e convenções entre sujeitos. Ao problematizar os princípios teóricos da Teoria Semiolinguística, Lysardo-Dias resgata um enfoque de estudos linguísticos-discursivos que contempla a linguagem como forma de ação socio-interlocutiva, que revela, não só, um comprometimento ético e político, como também considera a vivência das relações sociais em diferentes contextos da sociedade.

Na sequência, Marco Antonio Villarta-Neder discute as tendências da Análise do Discurso no Brasil enquanto murmúrios e silêncios constitutivos. O autor explicita, principalmente, os espaços institucionais, determinantes da audição desses murmúrios. Para ele a AD do B trata-se de um campo interdiscursivo porque rediscute o estatuto do sujeito e sua alteridade. Villarta-Neder finaliza sua reflexão, mostrando que a expansão do campo do discurso para uma diversidade de objetos a constitui enquanto um espaço de tensão por suas múltiplas articulações.

Ida Lúcia Machado traz à tona uma questão epistemológica que sintetiza a temática da obra, problematizando a AD, em sua faceta de uma AD no Brasil, confrontada com a singularidade de expressar-se enquanto um campo de conhecimento que revela uma AD do Brasil. A autora faz um escrutínio histórico da expansão do campo da AD, por meio de autores, correntes teóricas e enfoques que delinearam práticas acadêmicas em torno do campo da Análise do Discurso no Brasil, com a ilustração da experiência vivenciada pelo Núcleo de Análise do Discurso da Universidade Federal de Minas Gerais. Machado traduz uma trajetória epistemo-pragmática do campo da AD que remonta particularidades acerca de uma diversidade de re-significações que se instauram, considerando-se que “o estereótipo do brasileiro que se balança na rede esperando a teoria que vai chegar de barco ou avião para aplicá-la sem pestanejar, não é válido: tudo que aqui chega passa por uma necessária adequação/adaptação e isso desde tempos longínquos” (MACHADO, 2010, p. 226).

Fechando a obra, as organizadoras trazem o artigo intitulado “Um modelo sociocomunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégia de individualização” de Patrick Charaudeau, em sua versão original em francês e na

tradução, para a língua portuguesa, feita por Grenissa Stafuzza. O capítulo trata do problema da interpretação, quando enfocados sob o ponto de vista de análises empreendidas por pesquisadores para fazer emergir uma percepção discursiva. O autor enfatiza a questão das ideologias constitutivas da percepção dos pesquisadores; os processos de categorização que passam, essencialmente, por uma visada cognitiva; a questão do olhar epistemo-pragmático que credencia escolhas comunicacionais, representacionais e interpretativas e, por fim, as articulações entre as tomadas de posição enunciativas e o *ethos* de produção e circulação dos saberes acadêmicos produzidos. Charaudeau sintetiza, assim, os princípios hermenêuticos e heurísticos do que representam as práticas acadêmicas de um dado campo de conhecimento, num dado espaço de produção e divulgação de saberes.

A interpelação que emerge da leitura da obra “Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas”, organizada por Luciane de Paula e Grenissa Stafuzza nos remete ao conflito e ao confronto de teorias, conceitos e espaços de poder, em arenas institucionais que singularizam as práticas epistemo-pragmáticas do campo da Análise do Discurso do e no Brasil.

Recebido em setembro de 2012.
Aceito em outubro de 2012.